SONHOS AOS PEDAÇOES: violência no namoro entre jovens

Ayra Cristina Sousa Dias[1]

Liana Maria Ibiapina do Monte[2]

Elaine Ferreira Nascimento[3]

RESUMO

Este artigo tem como objetivo tratar de como se constroem as relações afetivo-sexuais entre jovens e como estas são atravessas pela violência a partir de manutenção e reprodução de valores, crenças e costumes oriundos do processo de. A referida pesquisa foi realizada por meio de leituras e análises de entrevistas realizadas com adolescentes de jovens matriculados em uma escola técnica da cidade de Teresina-PI. Assim, utilizou-se da pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa, por possibilitar, com base em Minayo (2008) uma melhor interpretação e reflexão dos fatos estudados. Ao concluir, os resultados mostraram a violência no namoro se mostra presente nas relações de adolescentes e jovens, apresentando ainda as marcas da colonialidade e patriarcalismo neste país de vermelho sangue chamado Brasil, permeado por uma cultura machista e misógina estabelece a prática da violência como algo natural às relações.

Palavras-chave: Adolescência; Gênero. Sexualidade. Violência.

ABSTRACT

This article aims to address how affective-sexual relationships are built among young people and how they are crossed by violence from the maintenance and reproduction of values, beliefs and customs arising from the process of. This research was carried out through readings

[1] Discente em Serviço Social Faculdade de Tecnologia e Educação Superior Profissional; Pibic/Fiocruz Piaui; ayrasdias@gmail.com.

[2] Assistente Social. Mestra em serviço social e doutora em educação. Pesquisadora Fiocruz Piauí; lianaibiapina@yahoo.com.

[3] Assistente Social. Doutora em ciências. Coordenadora adjunta da Fiocruz Piauí e docente do PPGPP-UFPI; negraelaine@gmail.com.

and analysis of interviews carried out with teenagers of young people enrolled in a technical school in the city of Teresina-PI a better interpretation and reflection of the facts studied. In conclusion, the results showed that dating violence is present in the relationships of adolescents and young people, still showing the marks of coloniality and patriarchy in this blood red country called Brazil, permeated by a sexist and misogynist culture, establishing the practice of violence as something natural to relationships.

.

Keywords: Adolescence. Gender. Sexuality. Violence.

1 INTRODUÇÃO

O estudo é parte de uma investigação que procurou problematizar aspectos relacionados ao fenômeno da sexualidade e relações de gênero com o foco surgimento da violência no namoro com recorte na adolescência e juventude. Essa investigação pautou-se numa abordagem de pesquisa qualitativa, aqui entendida como um conjunto de práticas interpretativas que busca investigar os sentidos que os sujeitos atribuem aos fenômenos e ao conjunto de relações em que eles se inserem. Nessa abordagem, baseados em princípios da hermenêutica-dialética, procuramos compreender e contextualizar os sentidos subjacentes às falas dos sujeitos investigados.

Partindo da análise de construção da cisgeneridade e travestilidade/trans generalidade enquanto categorias políticas, evidencia-se que a primeira traz consigo marcas, signos, acordos e pactos da colonialidade, enquanto que a segunda apresenta-se como contraponto àquilo que falaciosamente é defendido enquanto 'normal'. Ressalta-se que na constante busca pela manutenção das obras ficcionais de gênero difundidas e defendidas por aqueles que saquearam estas terras são construídas estratégias bélicas a fim de garantir sua efetivação, através das ciências médicas que patologizam corpas travestis e transexuais (VERGUEIRO, 2012).

Neste sentido, aponta-se que as escolas enquanto espaço privilegiado de discussão, busca por informações e contribuições para a defesa do Estado democrático, apresentam lacunas no que diz respeito à garantia do direito à educação

a adolescentes e jovens, uma vez que reproduzem as estratégias da colonialidade, passando adiante as construções hegemônicas de gênero.

A partir das entrevistas realizadas com adolescentes e jovens com idades entre 14 e 24 anos, matriculados em uma escola de ensino técnico de Teresina-PI, é possível tecer algumas análises acerca da construção do conteúdo apresentado nos depoimentos colhidos em que se pode observar a presença de questões relacionadas às discussões de gênero, sexualidade e violência nas relações afetivo-sexuais.

2 AS PORTAS ENTREABERTAS DO GÊNERO

Observou-se que entre os meninos entrevistados há uma maior abertura para que se teçam diálogos sobre práticas sexuais, as conversas acontecem em grande parte com os pais ou com outra figura masculina próxima, porém, sem muitas discussões voltadas para métodos de prevenções à ISTs, gênero, sexualidade. Em alguns casos as meninas são apontadas enquanto aquelas que necessitam de maiores cuidados e zelo, revelando o caráter patriarcal dos diálogos.

A partir do que nos apresenta Grada Kilomba (2016) a narrativa é construída a partir das lentes daqueles que são socializados em corpos masculinos, não havendo neste caso a intenção de um recorte ou menção às implicações relacionadas as pautas de gênero, no entanto, é esta ausência que aciona a categoria e traz uma importante reflexão acerca de como vão se construindo as identidades masculinas, as vezes convencidos pelas lentes que os colocam na posição de sujeitos universais.

No que tange a esta questão Viviane Vergueiro (2014) aponta que a construção das identidades cisgêneras ou melhor os pactos acerca daquilo que se define enquanto ser homem e ser mulher é resultado, fruto do processo de colonização pelo qual passou esta árvore regada a sangue que chamamos de Brasil. Desde 1500, importou-se valores e crenças de maneira compulsória, ensina-se o que era ser um bom cristão e isto implicava também no desempenho de papeis que seriam então definidos enquanto homens e mulheres, atropelando e aniquilando outras culturas e formas de existências diferenciadas as do cristianismo.

Dialogando com aquilo que brilhantemente nos apresentou Simone de Beauvoir, ninguém nasce homem ou mulher, mas torna-se, portanto, é um processo

em constante construção. Há no entanto questões muito específicas no que tange a construção das mulheridades e sendo estas também parte destes constructos é importante refletir sobre as falas de adolescentes e jovens, que mesmo em tempos de internet com acesso rápido a informação, algumas discussões e diálogos parecem terem sido retirados de uma série de TV do século passado e reinserido no vocabulário contemporâneo. É também importante refletir que o fato de se ter acesso a um conjunto rápido de informação, como estamos tratando de adolescência, sem orientação não garante a qualidade e a confiabilidade da mesma, o que filtrar e acreditar em tempos de *fake News*?

É possível identificar uma singela característica do patriarcalismo entre o discurso dos jovens socializados como meninos/homens quando interrogados acerca da violência contra corpos socializados como meninas/mulheres a qual ilustraremos a partir do trecho seguinte do entrevistado que identificaremos como A1:

> "Acho isso errado, até porque homem não pode bater em mulher que é contra lei, então acho que é um covarde...porque tipo a mulher é mais frágil" (18 anos)

No momento em que mulheres são apontadas enquanto sexo frágil, delicadas, revelam-se as raízes dos pactos coloniais construídos por homens para beneficiar homens, e mesmo quando não há intenção implica na reprodução de problemáticas estruturais que tem como produto final a violência contra aquelas que são sempre subjugadas e colocadas na posição de figuras menos importantes, fracas, dominadas e logo submissas.

A visão da mulher frágil simboliza os frutos colhidos do processo de construção desta árvore de caule vermelho assim como o sangue derramado dos sujeitos que não se adequavam/adequam às normas de gênero estabelecidas pelos saqueadores que invadiram este chão. Frágil, dócil, digna de proteção e tutela são qualidades atribuídas aquelas que sempre foram reconhecidas enquanto mulheres, que por sua vez trazem consigo as marcas que as permitem ocupar tal posição se beneficiando desta forma do grande acordo da branquitude.

O que não significa dizer que não sofram as agruras oriundas do patriarcalismo e cissexismo tão bem estabelecidos, mas, que não precisam se questionar como fez Sojourner Truth quando se perguntou: Então eu não sou uma mulher? Aqui, a ativista

pelos direitos civis, estadunidense, ex-escravizada em seu discurso de improviso no Congresso Feminista em Ohio, em 1851 ao tratar da ajuda diferenciada que mulheres brancas tinham para subir em carruagens e passar por cima de poças d'águas, enquanto a mesma sempre teve que lutar sozinha, lembrando como as pessoas podem tratar as mulheres de forma diferenciada e, essas diferenças estarão baseadas na cor de sua pele, na identidade de gênero e na sua genitália.

Cabe destacar Vilma Piedade, professora e feminista negra criadora do conceito Dororidade, em que tal conceito tem como objetivo acrescentar as dores do racismo para além do gênero diferenciando do conceito sororidade (irmandade entre mulheres) que inexiste tal associação, pois agem numa perspectiva universal de mulher, percebendo o peso de serem mulheres de cor preta na sociedade pouco mudou, na qual autora trata em seu livro homônimo intitulado de " Dororidade" sobre o colonialismo moderno a qual se vive nos dias atuais, publicado em 2017 (TRUTH, 1998; PIEDADE, 2017).

Nesse sentido, a interrogação denuncia que ocupar este lugar nunca foi o privilégio de mulheres negras e isto reflete significativamente no impacto da violência em suas vidas, não são só nas relações afetivo sexuais, mas em todas as suas nuances. As ficções coloniais de gênero neste sentindo resultam na construção de cisgeneridade compulsórias, identidades forjadas sob o molde binário dos metais da branquitude, tendo como alvo aquelas que trazem em seus corpos as marcas da transgressão/indaquação de mulheridade defendido pela branquitude, destinando um não lugar a mulheres negras, travestis e transexuais (NASCIMENTO, 2021).

Para a continuidade destas estruturas Louro (2007) nos diz que é interessante manter um CIStema em que estes ensinamentos sejam largamente difundidos, nesta lógica, escolas, igrejas e meios de comunicação desenvolvem importantes papeis uma vez que são responsáveis por sancionar leis muitas vezes compreendidas como irrevogáveis, aquilo que Gramsci (1968) vai chamar de superestrutura do capitalismo, são instituições que retroalimentam um sistema de manutenção do capitalismo. É interessante frisar que há a presença de sujeitos e grupos nem sempre bem intencionados que fazem uso destas estruturas em benefício próprio a fim de propagar

preconceitos e discursos de ódio, defendo falácias sobretudo quanto a manter os debates acercas das pautas de gênero e sexualidade sob o véu da ignorância.

Indo nessa direção, a escola pública desenvolve a importante tarefa dada seu compromisso ético e legal no que concerne a educação de qualidade, com respeito à democracia e ao Estado laico, fornece maiores debates acerca de temas que se apresentam enquanto interesse de adolescentes e jovens como é possível perceber nas falas de A2 quando questionado do porquê de haver a necessidade de um debate sobre sexualidade no ambiente escolar:

> "por que, daí a pessoa vai se desenvolvendo, vai sabendo do processo, se quer saber se é hétero ou não" (17 anos)

A informação é uma importante ferramenta no combate ao preconceito, autoconhecimento e aceitação e, sobretudo, respeito ao outro, parafraseando Laplantine (1988) para conhecer a si mesmo, é preciso conhecer o outro e deste contato pode-se construir novas narrativas.

3 QUANDO A FLOR SE TRANSFORMA EM DOR

Há uma linha tênue entre as estruturas que corroboram para a produção de discursos de adolescentes e jovens e aquela que resulta nas mais diversas ações de violências as quais mulheres são submetidas em relações afetivo sexuais, neste, sentido evidencia-se que para além de um recorte de gênero, a violência se apresenta com maior ênfase no discurso das meninas, ao mesmo tempo que se apresenta uma maior abertura para temas voltados para as discussões acera de temas como orientação sexual e identidade de gênero, que mesmo aparecendo de maneira sutil, são reveladores.

Um importante marcador da diferença é que enquanto os meninos afirmam ter tido maior contato com as situações de violência pela TV ou outros meios de comunicação, para as meninas este é um debate mais próximo, a violência é vivenciada ou relatada em primeira pessoa a elas, trazendo além de uma proximidade com o tema um importante recorte geracional no qual a violência esteve e está imbricada, neste sentido apresentam-se trechos que podem elucidar o debate:

> "Eu vejo mais é na televisão no jornal sobre violência contra a mulher, homem agredindo a mulher. Eu vejo muito isso em jornal. Eu acho isso errado, que homem tem [que] tratar a mulher com respeito, tanto um quanto o outro. Não deve haver desavença com um casal" A3 (18 anos).

> "Já, minha madrinha. É, porque assim, o marido dela. Ele é alcoólatra, ele bebe...bebe, enche a cara, quando chega em casa sem ver, sem para que, ele bate nela, só que ela nunca denunciou, por conta das filhas, entendeu? E (...) acho que só, não conheço mais ninguém, não." M2 (16 anos)

Para entender a disparidade entre os pontos de partidas e a proximidade com as situações de violência por parte das meninas, é importante refletir dialogando com a discussão que nos é apresentada em Akotirene (2019) ao abordar o tema da interseccionalidade, uma vez que identificamos as avenidas em que determinados corpos se localizam é possível perceber de que forma estes corpos são atravessados pelas opressões, não que haja uma hierarquia de opressões, há atenuantes, neste sentido pode-se dizer que mulheres, mesmo em suas juventudes experimentam o amargor da violência.

Neste sentindo é importante observar que no processo de socialização dos meninos há a presença da circularidade da violência, porém, quando relatada leva para um ambiente mais distante, esta é uma característica presente nos acordos ficcionais de gênero, atua como importante mecanismo de proteção e manutenção, pois, mesmo sendo agressores potenciais não se reconhecem neste lugar. Este é um debate a ser encarado com seriedade pois acarretam em um problema de saúde pública uma vez que replica padrões de conflito (Oliveira,2014).

As primeiras relações afetivo sexuais que acontecem no período de transição da adolescência para a vida adulta atuam como um modelador, perpetuador de experiências que vão garantir um futuro com as estruturas do passado, dessa forma a violência psicológica se apresenta em 83,4% das relações afetivo sexuais, relevando aquilo que a autora aponta como a tônica das relações entre jovens no Brasil (MINAYO et al, 2013).

São nestes momentos em que a flor das avassaladoras paixões se transformam em dor, organizando o processo de socialização que ajuda a naturalizar a violência, ela deixar de chocar e causar e incomodo e passa a fazer parte do dia-a-dia, e quando isso acontece há poucas formas de obter suporte, e isto é evidenciado

nas falas de A1 e M3 quando questionados se quando a violência se apresenta conseguem ajuda, contato com uma de apoio, o que nos ajuda a refletir sobre a urgência dos diálogos acerca das relações entre jovens:

> "eu acho que tipo a mulher tem mais facilidade no...falar, nessas coisas assim, pedir ajuda. Por que o homem é mais fechado. Por que tem vezes que os pais criam os homens mais rigoroso do que a mulher, chama mais atenção da mulher do que do homem. No caso da mulher, ela é mais frágil...Aí! Os pais vão logo, né? Assim na mulher" A1 (18 anos)

> "Não. Por medo. às vezes, por medo do namorado ou marido bater ainda mais ou até matar, medo de como a família vai reagir. Vai se assustar...vai pedir para ela terminar, para voltar 'pra' casa dela {E com o amigo ela consegue falar?} Acho que também, não. Por que é...acho que com a amiga, é muito mais do que com a família. Os amigos vão com certeza querer que ela volte, vão querer falar com o namorado, e pode acabar com uma confusão maior, dependendo da amizade que ela tenha" M2 (17 anos)

A ausência do debate revela a ausência de políticas que visem combater a violência nas relações afetivo-sexuais em caráter preventivo, talvez isto não ocorra em virtude de necessitar de um amplo processo de reflexão sobre velhas práticas e quem sabe abandonar as moldes arcaicos que ditam como devem se comportar homens e mulheres como se o mundo fosse dividido neste binômio de gênero, porém, vale salientar que ser homem e mulher no Brasil de 2021 não é a mesma coisa nos tempos coloniais, talvez, seja o momento de quebrar os laços com as colônias. (Lanz,2014).

4 AFETOS DESPEDAÇADOS

Violência doméstica, feminicidio, transfeminicidio apresentam o gênero enquanto marcador da diferença que quando somado ao fator raça revela a potência de seu poderio bélico, mulheres negras nunca foram reconhecidas enquanto mulheres, nem mesmo tiveram direito à maternidade pois esta foi utilizada como mecanismo de exploração e espoliação sendo as maiores vítimas de violência obstétrica, dito isto, salienta-se que o estado protege aqueles que reconhece enquanto cidadãos, sujeitos revestidos pelos privilégios da branquitude.

Para Carneiro (2017) raça e sexo são categorias que justificam discriminações e subalternidades, construídas historicamente e que produzem desigualdades,

utilizadas como justificativas para as assimetrias sociais, que explicitam que mulheres negras estão em situação de maior vulnerabilidade em todos os âmbitos sociais, ao passo em que os meninos não se reconhecem no lugar de potenciais agressores e que para além de serem protegidos por uma estrutura patriarcal são protegidos por uma estrutura racista que molda-se através do colonialismo tem-se como resultado um índice alarmante no número de mulheres assassinadas pelo simples fato de serem mulheres.

As estruturas que protegem culturalmente os homens é a mesma que historicamente silencia e mata mulheres, sobretudo mulheres negras, pode-se compreender desta forma que sendo a violência contra mulher um problema de saúde pública o debate maduro e aprofundado dentro das escolas significaria alternativas de prevenção. Desse modo o discurso “menino veste azul e menina veste rosa” não se apresenta apenas como caminho para a cisgeneridade compulsória, mas estratégia de manutenção de um modelo de sociedade falido.

A repulsa ao debate de gênero, porém, não é algo novo e característico do atual governo, revelando assim a problemática estrutural, de acordo com Viana (2015) houve um avanço significativo no que concerne aos debates de gênero no âmbito da educação, no entanto, com a proposta do programa Brasil Sem Homofobia em 2004 parte da base governista se recusou a avançar na discussão e se colocaram contra o próprio andamento do projeto.

Quando fala-se sobre gênero e sexualidade o senso comum leva as pessoas a pensarem que este é um debate voltado exclusivamente a comunidade LGBT, este afastamento é característico do racismo e colonialismo, no debate acerca das pautas de negritude a professora Zelia Amador (2017) nos apresenta que por ação da colonialidade alguns grupos tendem a se afastar de outros, como se suas problemáticas não fizessem parte de um mesmo todo, com isso deixa-se de debater sobre gênero e sexualidade sem refletir sobre os efeitos do patriarcalismo e sexismo sobre a vida de pessoas que não pertencem a este grupo social.

A ausência de um ambiente de discussão acerca do processo de produção de homens e mulheres sob a égide dos valores não é prejudicial apenas para pessoas socializadas como mulheres desde seu nascimento, mas, também acarreta sérias

consequências sobre a vida daqueles socializados como homens, sobretudo no que diz respeito aos cuidados em saúde, pois, estes além de serem impedidos de dar vazão a seus sentimentos em virtude das exigências da sociedade patriarcal, também, deixam de cuidar de si mesmo ao terem certa relutância ao serem examinados em consultas médicas (NASCIMENTO et al, 2019).

Sem uma rede de apoio onde seja possível tratar sobre as problemáticas relacionadas ao namoro, pode-se dizer que adolescentes e jovens têm seus direitos violados no que concerne aos debates sobre gênero, sexo e sexualidade. Resultando é uma cadeia de violência que repassa os valores do silêncio e opressão, onde os debates em sua maioria ficam restritos a pais que falam vagamente sobre práticas sexuais, sem profundidade das outras discussões que envolvem as relações como a violência, mesmo que esta esteja presente em boa parte das relações (NASCIMENTO et al, 2020).

As práticas de prevenção a violência no namoro perpassam deste modo pelo questionamento das normas vigentes, pautas em valores misóginos, pratiarcais e sexistas, sendo assim, falar sobre prevenção também implicar a ampliação de um debate antilgbtefóbico, apesar de este não ser o centro da discussão, não é possível obter atalhos no que diz respeito as diversas avenidas de opressões por onde transitam os que serão moldados enquanto homens e mulheres, relacionando-se afetiva e sexualmente a partir destas prerrogativas (MURTA et al, 2013).

5 CONCLUSÃO

Os debates acerca de gênero e sexualidade atravessa diretamente a vida de adolescentes e jovens e mesmo a ausência das discussões torna-se revelador quando se analisa os efeitos nocivos sobre as relações afetivo-sexuais formadas neste importante período de amadurecimento psicossocial no qual estas experiências serviram de base para as relações futuras.

Tendo em vista as diversas problemáticas no campo da saúde pública, sobretudo dos altos índices de violência contra mulher, fomentar o debate no âmbito da educação no que diz respeito ao processo de produção de masculinidades e feminilidades pode ser uma importante estratégia de prevenção uma vez que o

processo de reflexão acerca do papel desempenhando historicamente por cada parte deste que é colocado enquanto um binômio pode levar a outros caminhos que não sejam o da manutenção do modelo colonial e patriarcalista que conhecemos.

O modelo de constituição afetiva que temos é baseado na dor e subalternidade e obediência, isto a fim de garantir que um sistema de exploração e espoliação possa ser continuado, desta forma, pensar em estratégias para inibir as práticas violentas no namoro entre adolescentes e jovens significa questionar esta lógica e estes pactos que hora de apresentam danosos a todos os sujeitos sejam eles socializados como meninos ou meninas, no entanto, esta corda/acordam tende a romper com danos severos ao lado mais fraco, a violência tem como fim a morte de mulheres e sobretudo mulheres negras.

A escola tem papel fundamental quanto a promoção do debate e discussão a fim de propiciar informação que leve à formação de conhecimento critico, possibilitando desta forma novos caminhos e formas de conceber afetos e estabelecer acordos afetivo-sexuais, no entanto, esta não é apenas tarefa apenas das escolas, mas, de todas as instituições públicas que estejam vinculadas a manutenção do estado democrático de direito.

REFERÊNCIAS

AMADOR, Zelia. **Negritude**. Youtube. 22 ago. 2017. Disponível em:< https://www.youtube.com/watch?v=BBzEfKmkS5g&t=432s>. Acesso em: 31 de ago. 2121.

GRAMSCI, A. Maquiavel, a política e o Estado moderno. Tradução de Luiz Mário Gazzaneo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

KILOMBA, Grada. **A máscara**. Caderno de Literatura em Tradução, v. 16, p. 171-180, 2016.

LANZ, Letícia. **O Corpo da roupa**: a pessoa transgênera entre a transgressão e a coformidade com as normas de gênero. 2014.

LAPLANTINE, Francis. **Aprender antropologia**. Brasiliense, 1988.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. **Educação em Revista**, p. 201-218, 2007.

Minayo, MCS. (2008). O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; ASSIS, Simone Gonçalves de; NJAINE, Kathie. **Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do 'ficar'entre jovens brasileiros**. Editora Fiocruz, 2011.

MURTA, Sheila Giardini et al. Prevenção à violência no namoro e promoção de habilidades de vida em adolescentes. **Psicologia USP**, v. 24, p. 263-288, 2013.

NASCIMENTO, E. F; MONTE, L. M. I. ; MORENO, M. C. ; SILVA, M. V. ; OLIVEIRA, M. L. . **Os sentidos das masculinidades juvenis num contexto de cuidado.** Brazilian Applied Science Review, v. 3, p. 631-640, 2019.

NASCIMENTO, MARIANA ALMENDRA CAVALCANTE DO ; MONTE, LIANA MARIA IBIAPINA DO ; SOUSA, RANIERI FLÁVIO VIANA DE ; PESSOA, BRENNA GALTIERREZ FORTES ; MATEUS, ALBA DA SILVA ; NASCIMENTO, ELAINE FERREIRA DO . **Eu Falo, Tu Falas E Ninguém Ouve**: conversas sobre sexo e sexualidade entre adolescentes e jovens no espaço escolar. RESEARCH, SOCIETY AND DEVELOPMENT, v. 9, p. e386985852-17, 2020.

NASCIMENTO, LETICIA CAROLINA PEREIRA DO. **TRANSFEMINISMO**. 1. ed. São Paulo: Editora Jandaíra, 2021. v. 1. 191p .

Oliveira, Queiti Batista Moreira; ASSIS, SIMONE GONÇALVES DE ; NJAINE, KATHIE ; PIRES, THIAGO OLIVEIRA . **Namoro na adolescência no Brasil**: circularidade da violência psicológica nos diferentes contextos relacionais. Ciência e Saúde Coletiva (Impresso), v. 19, p. 707-718, 2014.

PIEDADE, Vilma; TIBURI, Marcia. **Dororidade**. Nós, 2018.

VERGUEIRO, Viviane . **Pela descolonização das identidades trans**. In: VI Congresso Internacional de Estudos Sobre a Diversidade Sexual e de Gênero da ABEH, 2012, Salvador, BA. VI Congresso Internacional, 2012.

VERGUEIRO, Viviane . Trans* Sexualidade: Reflexões sobre a mercantilização do sexo desde uma perspectiva transgênera. Periódicus, v. 1, p. 174-190, 2014.

VIANNA, Cláudia Pereira. **O movimento LGBT e as políticas de educação de gênero e diversidade sexual**: perdas, ganhos e desafios. Educação e Pesquisa, v. 41, n. 3, p. 791-806, 2015.